

## **De Slutwalk A Marcha das Vadias: o Imperativo dos Feminismos em Natal (RN)**

Rozeli Porto<sup>1</sup>

Fabiana Damasceno Galvão<sup>2</sup>

### **Resumo**

Esse artigo apresenta o contexto da “Marcha das Vadias da cidade de Natal”, Rio Grande do Norte, entre os anos de 2011 e 2015. Tem por objetivo descrever como se configuram os campos políticos que atuam sobre a Marcha, dando visibilidade aos feminismos locais atuantes nessa cidade e no Estado. Das estruturas simbólicas que perpassam sua execução e legitimidade, estas envolvem ações de sujeitas e sujeitos políticos, imersos em correntes ideológicas, sindicais, *queer* e dos feminismos do Brasil. A metodologia utilizada reflete sobre a *Slutwalk* e as premissas que envolvem sua construção, ou seja, pensar os campos políticos e educativos que atuam sobre ela localmente a partir de diferentes *performatividades* e discursos, por meio da coleta de materiais divulgados na internet, blogs, redes sociais e artigos jornalísticos. Por fim, procura-se encontrar na literatura feminista, categorias analíticas e empíricas que elucidem o cenário desses eventos e arranjos sociais que envolvem a Marcha das Vadias de Natal.

**Palavras chaves:** Feminismos. Marcha das Vadias. Sujeitas e Sujeitos Políticos.

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Departamento de Antropologia Social (PPGAS/DAN/UFRN). rozeliporto@gmail.com

2 Cientista Social (UFRN). Estudante do curso de Especialização em Ensino de Sociologia (UFRN). fabitagalvao@hotmail.com.

## From *Slutwalk To Marcha das Vadias*: Feminist Imperatives in Natal, (RN)

### Abstract

This paper introduces the context of *Marcha das Vadias* (Portuguese for *SlutWalk*) in Natal, Rio Grande do Norte, between 2011 and 2015. Its goal is to describe the settings of the political fields that operate upon the Walk, giving visibility to local feminist movements that operate in that city and state. From symbolic structures that pervade its realization and legitimacy, political female and male subjects are involved in actions within Brazilian ideological, syndical, queer and feminist branches. By collecting material widespread on the internet, weblogs, social media and newspaper articles, the methodology consists at thinking over *SlutWalk* and the premises that involve its construction, i.e. thinking about the political and educational fields that operate locally upon it from different *performativities* and discourses. Finally, it is intended to find, within feminist literature, analytical and empirical categories that clarify the scenario of those events and social arrangements that involve Natal's *Marcha das Vadias*.

**Keywords:** Feminisms. *SlutWalk*. Political Female and Male Subjects.

## Desde *la Slutwalk Hasta la Marcha das Vadias*: Imperativos Feministas en Natal, (RN)

### Resumén

El objetivo de este artículo es describir la configuración de los campos políticos en las manifestaciones feministas, concretamente de la *Marcha das Vadias*, en Natal, Rio Grande do Norte, entre 2011 y 2015. La visibilidad de los movimientos feministas locales que operan en esa ciudad y en el Estado generan estructuras simbólicas que la dotan de legitimidad. Los sujetos políticos femeninos y masculinos están involucrados en acciones dentro de cadenas ideológicas, sindicales, queer y desde los distintos feminismos que coexisten en Brasil. Mediante la recopilación de material virtual, presente en Internet, weblogs, redes sociales y periódicos digitales, nuestra metodología permite pensar sobre la *SlutWalk* y los poderes locales que implican su construcción, es decir, pensar en los campos políticos y educativos desde diferentes performatividades y discursos. Por último, pretendemos encontrar, dentro de la literatura feminista, las categorías analíticas y empíricas que aclaran la situación de esos eventos y arreglos sociales en la *Marcha das Vadias* en Natal.

**Palabras clave:** Feminismos. *SlutWalk*. Políticas de género relaciones sociales de sexo, masculinidades.

## Introdução

Fiquei parada diante dela, as mãos unidas, dedos entrelaçados. Então, disse ela. Pegou um cigarro e o colocou entre os lábios e o segurou lá enquanto o acendia. Os lábios eram finos, apertados daquela forma, com as rugas verticais ao redor deles como se costumava ver nos anúncios de cosméticos para lábios. O isqueiro era cor de marfim. Os cigarros deviam ter vindo do mercado negro, pensei, e aquilo me deu esperança. Mesmo agora que não existe mais dinheiro de verdade, ainda há um mercado negro. Sempre existe um mercado negro, sempre existe alguma coisa que pode ser trocada. Então ela era uma mulher que talvez violasse as regras (ATWOOD, p. 24, 2006).

A Marcha das Vadias (MDV) surgiu em Toronto no mês de abril de 2011, Canadá, quando algumas alunas de uma universidade local ouviram a palestra de um policial que sugeria às estudantes, todas do sexo feminino, que elas deveriam evitar vestirem-se como “vagabundas/vadias/sluts”, para não serem vítimas de abuso sexual. Revoltadas com a atitude policial, resolveram ir às ruas protestar contra o ato considerado pelas mesmas como “misógeno” e “sexista”. As estudantes utilizaram, além de bandeiras e cartazes, seus próprios corpos como instrumentos políticos, subvertendo, assim, a prescrição de uma sociedade conservadora, que culpabiliza as mulheres pela violência sexual, sob a justificativa do tamanho da roupa e da postura de *vadia*<sup>1</sup>.

Após o ocorrido no Canadá, que reuniu cerca de três mil pessoas, a MDV percorreu o mundo – Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Suécia, Nova Zelândia, Inglaterra, Israel, Estados Unidos, Argentina e Brasil<sup>2</sup> –, passando por mais de 30 cidades, tendo o município de Natal, em 23 de julho de 2011, sua primeira versão. Aproximadamente, 150 pessoas, entre militantes mulheres e homens, representantes de movimentos e causas sociais ligadas aos Direitos Humanos das Mulheres, se reuniram e fizeram o trajeto da marcha pela praia de Ponta Negra, zona sul da cidade, em direção a um de seus pontos turísticos, o Morro do Careca.

O foco principal da MDV é o de alertar a população sobre a violência sexual contra mulheres e protestar contra o

“machismo”<sup>3</sup>. Proposta com teor pedagógico, que auxilia na desconstrução de formas educacionais que permeiam uma sociedade machista. E esse é o imperativo dos feminismos em Natal: combater de forma educativa e crítica à violência contra a mulher, ter uma pauta comum entre os movimentos de mulheres e feministas, denunciar a violência nas instituições, do espaço público ao privado.



Figura 1 - Cartazes de divulgação: Marcha das Vadias Natal, 2011.

Fonte: Marcha das Vadias, 2011.

Nesse sentido, o texto discorre sobre “A Marcha das Vadias da cidade de Natal”, Rio Grande do Norte, entre os anos de 2011 e 2015. Tem por objetivo descrever como se configuram os campos políticos que atuam sobre a Marcha, dando visibilidade aos feminismos locais, atuantes nesta cidade e no Estado. A metodologia utilizada reflete sobre a *SlutWalk* e as premissas que envolvem sua construção, ou seja, pensar os campos políticos e educativos que atuam sobre ela localmente, a partir de diferentes *performatividades*<sup>4</sup> e discursos. Por meio da coleta de materiais divulgados na internet (blogs, facebook, redes sociais, artigos jornalísticos) se constrói um escrito que procura na literatura feminista, encontrar categorias analíticas e empíricas que elucidem o cenário dos arranjos sociais que envolvem a MDV nesta cidade. Importante lembrar que a marcha foi veiculada nos jornais de maior circulação local, como no *Jornal Tribuna do Norte*<sup>5</sup>, *No Minuto*<sup>6</sup>, em outras mídias alternativas, como o site *Substantivo Plural*<sup>7</sup> e em vários blogs pessoais, utilizados como fonte de pesquisa para a confecção desse artigo.

Além do site do Coletivo Leila Diniz<sup>8</sup>, o grupo fechado do facebook #MarchadasVadiasNatal (#SlutwalkNatal), foi o grande veículo de mobilização e divulgação da MDV de Natal, o que demonstra a rapidez de articulação através das redes sociais na internet (GOMES; SORJ, 2014; MARTINI; PUHL, 2015). Esse grupo ainda está ativo virtualmente, e até o momento da escrita do texto, possuía cerca de 1660 membros. É utilizado principalmente com o objetivo de divulgação e articulação da MDV, e como os demais sites, blogs e páginas de jornal, foi acompanhado entre os anos de 2011 a 2016 para o resgate de informações locais.

### **De Volta ao Espelho: de Slutwalk A Marcha das Vadias em Natal**

“O sexo é uma antítese da cobiça material.”  
(NANCY FRIDAY, p.23, 1991)

Qual o sentido da marcha? O que é ser uma vadia? No Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) *vadia*: s. f. B infm. *pej.* Mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral. ETM fem. de *vadio*; ver *vadi* – SIN/VAR vagabunda; ver também, sinonímia de *meretriz* HOM *VADIA* (fl. vadiar). Já no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, (BUENO, 1984) é curioso, porque não existe *vadia* no feminino, e *vadio*, é *adj.*: *Que não tem ocupação ou que não faz nada; que vagueia; vagabundo; tunante; próprio de gente ociosa; diz-se de quem é pouco aplicado; s.m. indivíduo vadio. (Colet.: cambada, caterva, corja, matuta, súcia).*

A subversão do movimento parte daí, da ideia de que, sejam quais forem os papéis sociais assumidos na sociedade, ou à forma que estejam vestidas, nenhuma mulher quer ou deve ser estuprada. Ser vadia para as que marcham, também significa ter liberdade na escolha das roupas, na forma que querem assumir e se portar na sociedade. E por que não ser uma vadia? A *slut* ou vadia, coloca em questão o paradigma da mulher reservada e submissa, criticando o estereótipo daquela considerada “*Bela, recatada e do lar*”<sup>9</sup>. Vadia é uma *persona* que subverte a moral conservadora que vê as mulheres como “depósito de esperma” para procriação e manutenção

da família mononuclear. Vadia é a mulher que vê o seu corpo como instrumento político, como um bem inalienável, que jamais deve ser violado. Dessa maneira, o assédio sexual e a violência sexual contra as mulheres se tornam os alvos desse movimento, os quais, sob tal perspectiva, devem ser combatidos.

Nessa relutante guerra simbólica, a subversiva, ironicamente, é a mulher que luta por um direito civil básico. É ela que não quer ter seu corpo violentado sob nenhuma justificativa. As roupas provocativas, algumas em estilo *Lady Gaga*<sup>10</sup>, exibindo expressões de um *transfeminismo*<sup>11</sup>, chamam atenção para a luta pelo direito ao próprio corpo: “*meu corpo é meu, não se maltrata, não se viola e não se mata*”. Essa bandeira de luta do movimento feminista da década de 1970<sup>12</sup> foi um dos gritos de guerra da MDV de Natal em 2011 e 2012.

### **Mdv 2011 – “Vai Vadiar”: Feministas locais na luta contra as violências**



Figura 2 - Cartaz de divulgação: Marcha das Vadias Natal/ 2011  
Fonte: Marcha das Vadias, 2011.

A MDV foi construída principalmente por mulheres jovens, de camadas médias, com acesso a formação escolar, em sua maioria universitária, o que evidencia largamente seu teor pedagógico e crítico. Grande parte da marcha também foi formada por mulheres sindicalistas, agentes de saúde, profissionais do sexo, profissionais liberais, militantes de movimentos de mulheres e fe-

ministas – Fórum de Mulheres<sup>13</sup> e Marcha Mundial de Mulheres. Houve significativa participação dos homens, em número menor do que de mulheres, que apoiaram e participam da construção da marcha. Muitas pessoas que participaram não faziam parte de nenhum dos coletivos ou grupos formalizados de militância política, eram ativistas ocasionais de causas relacionadas aos Direitos Humanos.

A irreverência esteve presente no chamamento público. O conteúdo dos *flyers* de mobilização que circularam impressos e pela internet expressaram os fluxos culturais presentes nessa “nova maneira” de fazer feminismo<sup>14</sup>, desde participantes do Canadá, com seus coturnos, a Leila Diniz, ícone da liberação sexual do Brasil na década de 70. Vale lembrar que seu nome e luta, inspiraram o nome do “Coletivo Leila Diniz” (Ações de cidadania e estudos feministas) que anunciou sua participação nesta primeira versão da MDV, com o cartaz de divulgação sob o tema “Violência contra as Mulheres”.

Naquele período, quase todas as integrantes desse Coletivo, cerca de oito mulheres, participaram da organização da marcha. Realizaram a confecção e impressão de cartazes para mobilização - para articulação de seu acontecimento - ao pagamento do carrinho de som, que percorreu o trajeto de cerca de dois quilômetros tocando repetidamente a música “Vai vadial” do cantor brasileiro Zeca Pagodinho.



Figura 3 - Fotos produção de cartazes: Marcha das Vadias Natal, 27 de julho de 2011.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2011.

Com horário de concentração marcado para às 14 horas, houve inicialmente um momento lúdico de confecção de faixas e cartazes. Constituindo um evento político de bastante adesão de homens – heterossexuais não ortodoxos, gays, travestis, transexuais, a marcha de Natal de 2011 foi um sucesso em termos de mobilização e ativismo político, concretizando a reivindicação política comum aos movimentos feministas (no caso a violência contra as mulheres) aglutinadas por uma potente expressão lúdica, irreverente e transfeminista. É interessante observar, como nesse processo local, os “novos feminismos” se mesclam sempre que possível às trilhas clássicas da memória política alusivas ao feminismo da década de 70, que tinha como principal bandeira o tema da violência contra as mulheres, fortalecendo-se também no âmbito das políticas públicas a partir dos anos 80 (GROSSI, 1994)<sup>15</sup>. E no ano de 2012, essa chamada e irreverência não foram diferentes.

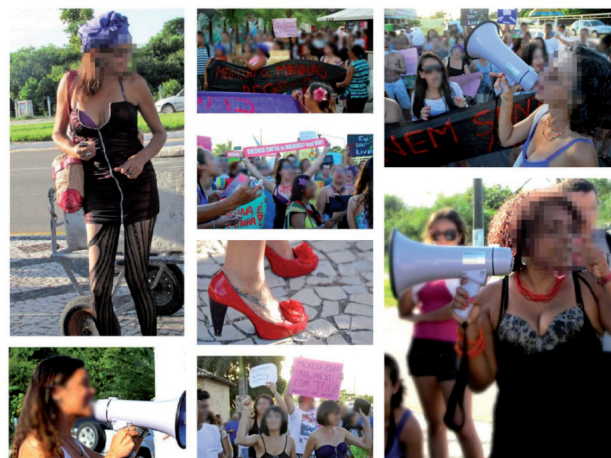


Figura 4 - Fotos: Marcha das Vadias Natal/ 2011.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2011.

### ***Mdv 2012 – “A gota d’água”: homicídios de mulheres e a precarização do atendimento às vítimas de violência***

Com essa mesma perspectiva, a MDV em 2012 teve duas edições. A primeira foi articulada pelos grupos pertencentes ao movimento de mulheres e feministas locais, AMB (Articulação de Mulheres Brasileiras) e MMM (Marcha Mundial das Mulheres), Movimentos

Estudantis, Sindicatos, Partidos Políticos, Grupos locais de Percussão e Anarquistas. Importante destacar que a divulgação da pesquisa de 2012 da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO - (WALSSELFISZ, 2012) sobre os números de homicídios com recorte de gênero, assim como o cenário dos precários serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência, foram a gota d'água para as militantes organizarem um ato.

A primeira marcha realizada fez alusão ao “08 de março”, Dia Internacional da Mulher. Um dia que marca trajetórias de lutas das mulheres pelos direitos de uma vida digna.



Figura 5 - Fotos: Marcha das Vadias Natal/ 2012.  
Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2012.

A forte chuva não intimidou um grupo de militantes que foi às ruas marchar como vadias, molhadas e desinibidas. Aqueles que estiveram presentes andaram pelas ruas com irreverência. Performances marcantes de rapazes, que se dispuseram a posar para fotografias com exibições provocativas a não “cultura do estupro”<sup>16</sup>, marcaram a marcha das vadias de março de 2012. Todavia, apesar de bastante divulgada, essa marcha foi invisibilizada, pois havia poucas pessoas nas ruas e muitas integrantes do movimento não compareceram. Esse mesmo grupo percebeu a necessidade de se fazer outra marcha, e, assim, foi articulada uma mobilização para o dia 26 de maio daquele ano.



Figura 6 - Cartaz de divulgação: Marcha das Vadias Natal, 26 de maio de 2012.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2012.

Essa edição ocorreu estrategicamente na manhã de um sábado, no Alecrim, um bairro comercial da cidade, em dia de Feira. A marcha se concentrou na *Praça do Relógio*, e percorreu cerca de dois quilômetros pelas ruas do bairro até a feira, local onde havia muitas trabalhadora/es, feirantes, transeuntes, clientes, que ficaram exaltadas/os com a presença inesperada das “vadias” e “vadios”.



Figura 7 - Fotos: Marcha das Vadias Natal, 26 de maio de 2012.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2012.

Era impossível a marcha não chamar atenção. Da praça até a feira, pessoas aderiam efetivamente ao movimento, expressavam isso de várias maneiras, sorrindo, batendo palmas ou mesmo acompanhando o trajeto da marcha. Além das palavras de ordem comuns aos movimentos feministas

nacionais, o grupo também entou trechos inspirados no *Toré*<sup>17</sup> do grupo feminista de teatro “Loucas de Pedra Lilás” de Recife (PE): “José, José, prepara o teu café; João, João, cozinha o teu feijão; ô Zeca, ô Zeca, lava a sua cueca; Ernesto, Ernesto, aprenda a fazer sexo; Zequinha, Zequinha, só com camisinha; Tião, Tião, com violência, não! E um não, é um NÃO! Simone, Simone, bota a boca no trombone; Cristina, Cristina, olha a tua vagina; Mulher, Mulher, seja o que quiser!” Houve grande adesão por parte das expectadoras: percebemos que elas vibravam quando eram ditas as palavras de ordem de combate ao machismo e violência contra as mulheres.

Na feira, por exemplo, houve momentos de tensão, alguns homens demonstraram em suas expressões faciais sinais de surpresa, ficando atônitos, quase sem entender o que ocorria. Demonstraram um misto de interesse para saber se àquelas mulheres quase desnudas estavam ali para serem apreciadas, a “serviço” deles, justificando suas expressões de excitação, ou se elas estavam fazendo piada e, portanto, mereciam risadas. O grupo da marcha, também composto por jovens e adultos do sexo masculino, *trans* ou não, provocou inquietações entre as pessoas que assistiam. Algumas pessoas tiveram discernimento do conteúdo da intervenção, percebendo que aquele grupo estava ali contrariando a ordem natural de suas rotinas para alertá-las/os sobre o sério problema que representa a violência perpetrada contra as mulheres.

Nesse interim, a marcha, junto a outros grupos feministas da cidade, realizou um ato político, também fazendo uma crítica a algumas instituições, como, por exemplo, às Delegacias das Mulheres da Capital (DEAM)<sup>18</sup>. Tais grupos levantaram pautas relacionadas a precariedade dos serviços que fazem parte das políticas de enfrentamento

à violência. Na marcha, ou fora dela, foram organizadas fortes articulações por grupo de militantes que reivindicavam a abertura das DEAMs 24 horas por dia, e uma rede de atendimento com acolhimento. O aviso na porta de entrada da delegacia, com os dizeres “Não é permitida a entrada de pessoas vestindo short, minissaia, top, min-blusa, bermudas”, denuncia o caráter punitivo e conservador da instituição, que acaba por revitimizar as mulheres pela não utilização de uma vestimenta “padrão”.



Figura 8 - Fotos: Ato Político em frente a DEAM da Ribeira, Natal/ RN. Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2012.

### MDV 2013 - contra o estatuto do nascituro e a favor do beijaço

A Marcha das Vadias de 2013<sup>19</sup>, mais uma vez ocorreu em um bairro comercial, chamado “Cidade Alta”. A escolha deste bairro, parte do intuito de dialogar com as classes trabalhadoras sobre as pautas comuns a todas as mulheres. Para essa marcha, um vídeo foi realizado, no qual pessoas da sociedade civil e movimentos sociais ligados aos Direitos Humanos e das Mulheres demonstraram seu apoio<sup>20</sup>.



Figura 9 - Cartazes de divulgação de Encontros de Formação e da Marcha das Vadias Natal, 2013. Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2013.

Naquele ano, com a atuação de Marcos Antônio Feliciano<sup>21</sup> como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados Federais, o PL 478/2007, que tratava sobre o Estatuto do Nascituro - apelidado pelas feministas como Bolsa Estupro - foi desengavetado e discutido na Câmara. Sem dúvidas, tal Projeto representa um retrocesso na legislação brasileira, sendo que a interrupção voluntária da gravidez em casos de estupro ou de risco de vida a gestante é um direito garantido desde 1940 pelo Código Penal Brasileiro, ratificado posteriormente pelas Normas Técnicas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2009). Conforme observa Dulce Xavier, socióloga e militante da ONG "Entre Nós"<sup>22</sup>, "O Estatuto fere princípios fundamentais da Constituição brasileira, pois solapa a laicidade do Estado, desconsidera a mulher como portadora de direitos sobre si mesma e atenta contra a liberdade de expressão, criminalizando as pessoas que defendem a legalização do aborto".



Figura 10 – Cartaz Campanha contra o PL 478/2007. - CFEMEA, 2013.

Com a iminência de sua aprovação e a forte ameaça a supressão dos Direitos Sexuais e Reprodutivos das mulheres conquistados nas últimas décadas, o PL se tornou uma das principais pautas dos grupos feministas de Natal e, portanto da Marcha das Vadias de 2013. Observa-se, mais uma vez, um retorno às antigas pautas feministas na infinita batalha sobre a descriminalização do aborto.

Um dos pontos altos dessa manifestação foi o depoimento de uma professora aposentada, 82 anos, formada pela UFRN. Apoiando efetivamente a marcha das vadias, relatou bastante comovida que aquelas mulheres estavam fazendo "aquilo que ela gostaria de fazer". Em seu depoimento, dizia-se injustiçada por não ter recebido a metade do seu décimo terceiro salário por culpa do go-

verno do Estado: "não é ela que está passando fome (a então governadora) sou eu e meus filhos e netos"... "as mulheres devem sim batalhar pelos seus direitos, para ter uma vida mais digna... e não se deixar abater pela violência"... "Fui mãe solteira e criei meus filhos"... "eu estou com vocês"...

Ainda em 2013, pouco depois do Ato político da MDV, um grupo de lésbicas e gays de Natal realizou em frente a principal sede da Igreja Universal do Reino de Deus da cidade<sup>23</sup>, o que elas/eles chamaram de *Beijaço*. Segundo seus integrantes, "um escracho ao conservadorismo, a sociedade homofóbica e heteronormativa"<sup>24</sup>, representada pelas normas da "moral e dos bons costumes" pregadas pelas maiorias igrejas cristãs. Teve por objetivo, radicalizar o conservadorismo e insultos devido a atuação e pronunciamentos homofóbicos do então presidente dessa Comissão na Câmara de Deputados.



Figura 11 - Fotos: Marcha das Vadias Natal/ 2013.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2013.

Nessas duas ações, a crítica remete-se ao debate conservador que está cada vez mais engessado pelos políticos que compõe o cenário federal. Diversos argumentos contrários tanto ao aborto como a diversidade sexual estão ligados a grupos religiosos fundamentalistas, não havendo o menor respeito pela laicidade do Estado, muito menos pelos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres e dos grupos LGBT<sup>25</sup>. Enfim, o desenrolar das marchas de 2013 prometia uma mobilização ainda mais engajada para as próximas manifestações em Natal. E foi efetivamente o que se viu nas mobilizações do ano de 2014 nessa cidade.



## MDV 2014 - turismo sexual e hibridiz identitária dos movimentos

Os dados divulgados em março de 2014 pelo IPEA, Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), e as vésperas da realização de alguns jogos do mundial da Copa do Mundo, foram pautas de discussões do grupo que construiu a Marcha das Vadias de Natal no ano de 2014. Naquele período, se debateu a relação do aumento do fluxo de mulheres que oferecem trabalho sexual com o aumento do fluxo de estrangeiros na cidade em busca desse Mundial Esportivo.

Essa marcha teve como local de concentração o *Cruzeiro*, na Vila de Ponta Negra, local estratégico para se pautar a questão do turismo sexual na cidade e a exploração sexual de mulheres, crianças, travestis e transexuais, muito comuns em regiões turísticas transnacionais. Para a antropóloga Adriana Piscitelli,

No Brasil, os aspectos mais discutidos da indústria transnacional do sexo são o “turismo sexual” e a migração internacional com o objetivo de oferecer serviços sexuais no exterior. No debate público, o “turismo sexual” é intimamente vinculado à prostituição e à exploração sexual de crianças por estrangeiros. E ambos, o turismo sexual e a migração internacional para trabalhar na indústria do sexo são frequentemente relacionados com o tráfico internacional de pessoas com fins de exploração sexual (PISCITELLI, p.5, 2004).

Como Natal é um dos destinos turísticos mais procurados do nordeste brasileiro, com voos regulares advindos de diversos países, tal situação coloca a cidade nas rotas internacionais da exploração sexual do tráfico de pessoas. A cidade já foi bastante conhecida pelo turismo com motivações sexuais e prostituição envolvendo essas sujeitas, especialmente na Praia de Ponta Negra<sup>26</sup> (FERRIGATTO, 2008).

Neste sentido, os encontros de formação e mobilização de um grupo de jovens e mulheres que fizeram parte da marcha daquele ano, foram pautados por esses temas, assim como suas ações reivindicatórias no próprio ato político da marcha. Como nas edições anteriores, foram distribuídos panfletos coloridos, cartazes e faixas com o teor de reprovação a essas práticas. Do mesmo modo, várias chama-

das e notas de apoio foram realizadas pelas redes sociais e reuniões foram organizadas para a construção da marcha. O “Movimento Passe Livre de Natal/RN”<sup>27</sup>, postou em sua página na internet uma dessas notas de apoio:

NOTA DE APOIO A MARCHA DAS VADIAS - 21/06  
É pelo direito ao corpo e a liberdade que o MPL-Natal apoia e convida a todxs para esta livre manifestação da Marcha das Vadias - Natal e se soma na luta contra as catracas físicas e sociais que impedem muitas mulheres de exercer amplamente o seu direito de ir e vir sem sofrer com qualquer tipo de assédio/violência, cantadas, apalpações, estupro ou preconceitos: transfobia, lesbofobia, bifobia, homofobia. A marcha das vadias acontecerá esse sábado 21/06, com concentração às 13h, na Praça do Cruzeiro, na vila de Ponta Negra. Por uma vida sem machismo! Por uma vida sem catracas! Lutemos! #MachistasNãoPassarão!  
O transporte é público, o corpo da mulher NÃO.

Figura 12 - Nota de apoio a Marcha das Vadias - 21/06

Fonte: PASSELIVRENATAL, 2014.

É muito interessante observar a criatividade e hibridiz identitária que assumem esses movimentos sociais na organização dessas manifestações (VALE DE ALMEIDA, 2004). Nessa nota, o MPL articula sua crítica a mercantilização aos sistemas de transportes, ao mesmo tempo em que estende sua crítica ao machismo, ao preconceito homofóbico e ao direito de ir e vir das mulheres, seja dentro do transporte público, fora dele, ou em quaisquer lugares e situações. Crítica e irreverência que também pode ser vista nessa outra nota, (HEYEVENT, 2014).

O QUE É A MARCHA DAS VADIAS?  
Primeira reunião para construir a Marcha das Vadias 2014 - Natal/RN  
O que é a Marcha das Vadias?  
A Marcha das Vadias teve início em 2011 no Canadá e surgiu em resposta à declaração de um segurança da Universidade de Toronto ao relacionar as ocorrências de estupro à forma como as mulheres se vestiam. Desde então a Marcha se expandiu e chegou ao Brasil, onde acontece em várias capitais, inclusive em Natal onde vamos agora para a 5ª edição! A opressão e a violência se manifestam na restrição da NOSSA liberdade sobre o NOSSO corpo e no LIVRE exercício da NOSSA sexualidade! Então, vamos à luta!  
“As bi, as gays, as trava e as sapatão tão tudo organizadas pra fazer revolução!”

Figura 13 - Primeira reunião para construir a Marcha das Vadias 2014 - Natal/RN

Fonte: HEYEVENT, 2014.

Essas chamadas, como outras que ocorreram tanto nessa como em edições anteriores, demonstram a importância e o debate crítico à violência por parte desses movimentos feministas plurais, movimentos LGBT\*, dentre outros, e da produção de conhecimento nas universidades, como bem lembra o sociólogo Alípio de Souza Filho (2011). Segundo o autor, sem esses movimentos “não teríamos o debate que se faz sobre a opressão, a violência e a discriminação praticadas a partir de um viés de gênero, que termina também por incluir as sexualidades dissidentes da heteronormatividade hegemônica”.

A relação entre academia e militância evidencia o quão relevante se torna esse debate, trazendo a tona interseções de gênero, raça, classe, que se mesclam aos vários grupos de mobilização, como já discutido por diferentes autoras (BONETTI, 2011; RAMOS; MUZART, 2013). Sem dúvida, percebe-se que a marcha demonstra uma clara preocupação com as/os jovens no que diz respeito especialmente às pedagogias relacionadas ao gênero, a sexualidade e a educação (LOURO, 2004).



Figura 14 - Cartazes de divulgação de Encontros de Formação e da MDV, 2014.

Fonte: Marcha das Vadias Natal, 2014.

Registra-se ainda na Marcha das Vadias deste ano, a nível nacional, que as redes sociais virilizaram a campanha idealizada pela jornalista brasileira Nana Queiroz “Não mereço ser estuprada”. Tal campanha teve grande adesão nas redes sociais ligadas ao facebook. Mulheres Brasil afora replicaram a campanha, postando fotos suas com

a frase “Não mereço ser estuprada”. Depois dessa divulgação alguns indivíduos encamparam fazer apologia a violência, e a jornalista foi ameaçada inclusive de estupro.



Figura 15 - Foto: Campanha de 2014 #Eu não mereço ser estuprada.

Fonte: Favorito, 2014.

### **Sem a MDV em 2015, porém adiante! Criação da frente feminista de natal**

Vale lembrar que em 2015 não existiu propriamente uma ação política das MDV em Natal. Houve convocação virtual para duas reuniões, porém, não obteve a participação necessária para se efetuarem ações coletivas à realização da Marcha. Contudo, no dia 27 de agosto, vários grupos feministas da cidade e do Estado criaram a “Frente Feminista de Natal”, para efetivarem ações conjuntas pelo fim da violência contra as mulheres. Foi realizado no centro da cidade um Ato Político de luta, impulsionada principalmente por uma onda de violência e estupros que ocorreram em Natal e na Grande Natal neste ano<sup>28</sup>.

Na pesquisa de 2015 realizada pela FLACSO, o estado do Rio Grande do Norte apareceu na 16ª posição em homicídios cometidos contra mulheres, em relação aos outros estados do Brasil, com a taxa de 5,3 homicídios em cada 100 mil mulheres. A capital Natal ocupava a 12ª posição com 6,6 homicídios para cada 100 mil mulheres, sendo que o Rio Grande do Norte, Paraná e Pará, destacavam-se por evidenciarem as maiores taxas de agressão do sexo feminino.

Apesar dos números crescentes e alarmantes, observa-se que a violência contra as mulheres se mantém como um

assunto secundário perante a sociedade, especialmente diante da conjuntura política brasileira e, em particular, da situação precária do Rio Grande do Norte (sucateamento carcerário do Estado, crimes de latrocínio ocorridos em várias cidades, violência sexual, etc.).

Em Natal, embora a MDV não tenha saído às ruas – pelo menos não com esta chamada - ações e mobilizações não deixaram de ser realizadas pelos grupos feministas, os quais, de uma forma ou de outra, tentam elucidar e chamar atenção da sociedade para este crime que violenta principalmente as mulheres, sejam elas hetero, bi, homo ou transexuais.

## Conclusão

A ironia está no fato de que os homens creem que é necessário manter-nos “em nosso lugar” porque acreditam mais em nosso poder do que nós mesmas (NANCY FRIDAY, p. 22, 1991).

A cultura hegemônica masculina (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013)<sup>29</sup> e a consequente subordinação das mulheres (MACHADO, 1999), categorizam esse contexto de culpabilização feminina diante da prática ou da “cultura do estupro”. De maneira geral, os estudos brasileiros enfatizam os aspectos sociais, históricos e culturais que engendram a cena desse tipo de crime e suas consequências. Apesar da existência de leis, ainda persiste a crença popular de que a maioria das mulheres estupradas é responsável por algum tipo de situação favorável ao estuprador, isto é, a mulher criaria situações que provocassem o homem<sup>30</sup>.

Certamente, é inegável a visibilidade que a violência contra a mulher adquiriu a partir da implantação das DEAMs, como fato local e nacional. No entanto, esta instituição não cumpre com eficiência sua missão de polícia judiciária, pois mulheres vítimas de estupro esperam muito mais da delegacia do que a mesma lhes tem oferecido e perdem a esperança na justiça, ao perceber sua incapacidade de investigação e intervenção (PORTO, 2014). Diante desta perspectiva, muitas denúncias não são realizadas, pois além do fato já ocorrido, as mulheres acabam ainda passando pela violência insti-

tucional (HOTIMSKY, 2014), confirmando os comentários de Lourdes Bandeira e Myrea Suárez (1999) sobre o número de denúncias realizadas no Brasil, em que para cada crime denunciado existem, no mínimo, três sem denúncia.

Porém, a MDV evidencia a ação de mulheres obstinadas a romperem com o silêncio e radicalizarem com a prática do estupro como algo abominável para a sociedade. Elas se colocam como *agentes ativas* nesse processo de reconhecimentos e rompimento da violação de direitos, negando a cumplicidade dessa subordinação. Nesse sentido, o papel de organizações autônomas que trabalhem com o foco no *empoderamento*<sup>31</sup> de mulheres é bastante relevante e possui um teor pedagógico/educacional importantíssimo para a sociedade.

Vemos o Estatuto do Nascituro como um símbolo de uma vontade de dominação, que contraria os acordos feitos pelo governo brasileiro nos últimos anos. Este se aliou às grandes Fundações estrangeiras que reconhecem a violência contra a mulher como um problema cultural e social, e o aborto como um problema de saúde pública, seguindo a linha dos principais tratados e convenções internacionais de Direitos Humanos. Nesse sentido, o *estatuto do nascituro* se inscreve como um instrumento de controle sobre a sexualidade das mulheres e a legalização do aborto como uma das bandeiras de luta dos feminismos no Brasil se substancializa pelo direito ao corpo (GALVÃO, 2010). Enquanto isso, ele se soma as pautas das *sluts*, que também reivindicam autonomia e liberdade sobre o corpo, de exercerem suas práticas sexuais livremente, sem coação da Igreja, do Estado, nem da Sociedade.

Diante do quadro, é inegável as possibilidades que as novas tecnologias de comunicação proporcionam ao ativismo político mobilizando rapidamente os vários movimentos de mulheres, de direitos humanos e a sociedade civil pelo mundo e pelo país. Sem dúvidas, as mídias digitais, especialmente as redes sociais na internet, são grandes aliadas promovendo novas possibilidades para as mais diversas formas de ativismo (GOMES; SORJ, 2014; MARTINI; PUHL, 2015).

As *sluts*, por fim, seriam a versão “pós-moderna” das bruxas da Idade Média, assim como as que lutaram pelo sufrágio universal no século 19, ou as que estiveram presentes na criação da segunda, terceira e de “outras ondas” do feminismo<sup>32</sup>. A violência de gênero maltrata e eviscera as mulheres. E o objetivo das vadias nessa marcha é o de construir um feminismo plural, pedagógico, que embora venha com uma “roupagem nova”, acaba por recuperar e ressignificar os imperativos dos feminismos já existentes em Natal. Junto aos outros movimentos, tenta eliminar definitivamente essa prática vil e perversa que permeia a insidiosa e opressora “cultura do estupro”.

## Notas

1 Sobre a culpabilização da mulher nos crimes de estupro ver Lia Zanotta Machado (1999). Sobre o tema da violência sexual, ver Marisa Corrêa, (1981; 1983), Georges Vigarello, (1998), Lourdes Bandeira e Mireya Suárez, (1999); Lia Zanotta Machado, (1998); Miriam Grossi, (2000); Grossi, Minella e Porto, (Orgs., 2006); Flavia Motta, (2006a; 2006b), Andréa Peres, (2011).

2 A primeira Marcha das Vadias no Brasil aconteceu em São Paulo, dois meses depois da primeira marcha ser realizada em Toronto. Marcha das Vadias pelo mundo: Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/sobre/>. Acessado em: 12 abr. 2014.

3 Para Heleieth Saffioti (1994; 2004), o machismo se apresenta como um catalizador de reações violentas e como a representação do poder de um sexo sobre o outro, considerando que vivemos numa sociedade patriarcal, onde a violência “é sempre masculina”. Outra tendência é expressa por Maria Filomena Gregori (1993) e Miriam Pillar Grossi (1991; 1998) que discutem o papel da mulher como produtora, juntamente com o parceiro, das relações violentas, surgindo, assim, a imagem de casais violentos não se limitando as relações afetivo-conjugais heterossexuais (GROSSI, 1991; 1998; GREGORI, 1993).

4 *Performatividade* aqui entendida a partir de Butler, 1997.

5 Marcha das Vadias Reúne Mulheres em Ponta Negra. *Tribuna do Norte*. Natal, 10 de mar de 2012.

6 DANTAS, Silvia Ribeiro. Natal sedia edição da Marcha das Vadias em Ponta Negra. *Nominuto*. Natal, 22 de julho de 2011.

7 COSTA, Tácito. Marcha das Vadias será realizada sábado, 26, em Natal. *Substantivo Plural*. Natal, 23 de maio de 2012.

8 O Coletivo Leila Diniz – Ações de Cidadania e Estudos Feministas, existiu em Natal de 1992 a 2012 como uma Organização

da Sociedade Civil de apoio aos movimentos de mulheres e feminista - foi um dos principais responsáveis pela organização das primeiras edições das Marchas em Natal. Hoje atua enquanto grupo autônomo.

9 Um artigo publicado pela revista *Veja* e intitulado “*Bela, recatada e do lar*”, sobre a esposa do interino Michel Temer, provocou uma avalanche de críticas e reações nas redes sociais. Milhares de mulheres postaram fotos suas em momentos de diversão, ironizando o tom tradicionalista do perfil e afirmando que a esposa do interino não as representaria ([veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar](http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar)).

10 Lady Gaga é uma cantora novaiorquina da música pop da atualidade, que usa e abusa de roupas consideradas excêntricas, extravagantes e *sexys*.

11 O *transfeminismo* surge como uma corrente feminista voltada às questões das pessoas *trans* (transexuais, transgêneros, travestis, etc). Frustradas com a falta de visibilidade e até mesmo exclusão dentro do próprio movimento feminista, as *trans* se organizam para lutar em prol de sua emancipação e autonomia, frente uma estrutura que mantém essas pessoas à margem (KAAS, 2015).

12 Foi o movimento feminista brasileiro que no final da década de 70, deu visibilidade à problemática das violências contra as mulheres. As discussões a respeito da violência doméstica e conjugal começaram então a ganhar maior espaço a partir desta década, e o problema da violência, anteriormente confinado apenas ao espaço doméstico, começou a adquirir visibilidade pública ao ser tratado como uma violação dos Direitos Humanos (GROSSI, 1994).

13 Grupo local da Articulação de Mulheres Brasileiras.

14 As novas práticas feministas que surgiram no final dos anos 90 do séc. XX é o que se chama de “novos feminismos”, como uma maneira “não apenas de nomear algo que reformulou de maneira irreversível o movimento feminista tal e qual o conhecíamos, mas também como forma de articular um novo marco de problemas e estratégias no contexto dos novos circuitos abertos pela globalização” (GARCIA, 2015; GALVÃO; MÉLLO, 2009).

15 Até a década de 80, sobrevivia com força a dualidade entre sexo e gênero, sendo que o primeiro estava para a natureza e, o segundo, para cultura (Ver, por ex. ORTNER, 1979). Uma das feministas que mais abalou essa concepção, trazendo novas perspectivas para os estudos de gênero no Brasil, foi a historiadora Joan Scott, quando da escrita de seu famoso artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1990), publicado originalmente em 1986.

16 O termo “cultura do estupro” tem sido utilizado desde os anos 1970, época da chamada segunda onda feminista, para apontar comportamentos sutis ou explícitos que silenciam ou

relativizam a violência sexual contra a mulher. A palavra “cultura” no termo “cultura do estupro” reforça a ideia de que esses comportamentos não podem ser interpretados como normais ou naturais (MORELLI, 2014).

17 O *toré* é uma tradição indígena de difícil demonstração substantiva por conta da variação semântica e das diversas formas de suas realizações práticas entre as sociedades indígenas e fora delas. Trata-se, a princípio, de uma dança ritual que consagra o grupo étnico (GRÜNEWALD, 2008).

18 Sobre a DEAM de Natal ver o livro organizado por Miriam Grossi e Analba Brazão Teixeira: “Histórias para Contar: Retrato da Violência Física e Sexual contra o Sexo Feminino da Cidade de Natal”. Natal, Casa Renascer, Fpolis, NIGS, 2000.

19 Entre 2003 e 2013 as taxas de homicídios femininos dos estados brasileiros cresceram 8,8%, enquanto as das capitais caíram 5,8%, evidenciado a interiorização da violência – deslocamento da violência letal contra mulheres dos municípios de grande porte para municípios de porte médio. No RN, Nísia floresta ocupou o 33º lugar na taxa nacional de homicídios de mulheres, com uma média de 13,7 mortes entre 2009 e 2013.

20 Carta Maior, 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=ZAC5FKLnFOY>

21 Deputado Federal, evangélico, ligado a Igreja Assembleia de Deus, um dos líderes da bancada evangélica na Câmara.

22 <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/Os-perigos-do-Estatuto-do-Nascituro/42/2805>

23 Essa Igreja é conhecida vulgarmente como “Casa da Moeda”, referência a pompa imperialista do prédio: sinônimo de poder e de acúmulo de capital gerado pela exploração de fiéis por meio do pagamento do dízimo.

24 Para questões e interfaces entre os estudos antropológicos sobre gênero e sexualidade e os movimentos sociais pelos direitos das mulheres e pelos direitos à diversidade sexual no Brasil, ver Lia Zanotta Machado, 2014.

25 LGBT\*: Lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. O asterisco funciona como um sinal que indica que o T tem significado múltiplo.

26 Em 2003, inclusive, houve a visita da Comissão Parlamentar de Inquérito da Exploração Sexual com o fim de investigar denúncias de turismo sexual envolvendo taxistas, estabelecimentos comerciais e hotéis em Natal.

27 O Movimento PASSE LIVRE- MPL (“Por Uma Vida Sem Catracas! Tarifa Zero Já!”) caracteriza-se por um movimento social de caráter anticapitalista que tem como objetivo final a construção de uma vida sem atracas e a desmercantilização dos sistemas de transportes públicos. <http://passelivrenatal.blogspot.com.es/2014/06/nota-de-apoio-marcha-das-vadias-2106.html>

28 Um estupro seguido de assassinato de uma jovem de 24 anos; três estupros coletivos; e por um estupro também seguido de assassinato de uma garota de 11 anos.

29 Robert W. Connell e Messerschmidt (2013, p. 15), ressalta a dominação contínua e coletiva de homens sobre mulheres, associada a violência física como práticas tóxicas e que acontecem em contextos particulares.

30 Tal como o caso de estupro coletivo ocorrido em maio de 2016 no Rio de Janeiro, em que 33 homens violaram uma garota de 16 anos, postando as fotos da violência nas redes sociais.

31 Aproveitamos o ensejo do *poder* para agradecer as contribuições da professora Daiani Dantas (UERN), assim como agradecer a professora Patrícia Rosalba (IFS) pelo convite e confiança. Também gostaríamos de agradecer a todas/os que construíram a Marcha em Natal e gentilmente contribuíram com nosso artigo.

32 Para conhecer um pouco da história do feminismo no Brasil ver Celi Pinto (2003).

## Referências

ABRIL. **Bela, Recatada e do Lar**. Disponível em: [www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar](http://www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar). Acessada em 20 jun 2016.

ADRIÃO, Karla Galvão; MÉLLO, Ricardo Pimentel. As Jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, **Anais**. 2009.

ATWOOD, Margarete Eleanor. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BANDEIRA, Lourdes; SÚAREZ, Myrea (Orgs.). Um recorrido pelas estatísticas da violência sexual no Distrito Federal. **Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal**. Brasília (Paralelo 15): Editora Universidade de Brasília, 1999.

BLOGDOEDMILSONLOPES. **Mapa da violência contra as mulheres**. Disponível em: <http://blogdoedmilsonlopes.blogspot.com.br/2012/05/o-rn-no-mapa-da-violencia-contra-as.html>. Acessado em: 25 ago. 2012.

BONETTI, Alinne de L. Antropologia Feminista: o que essa antropologia adjetivada? In: Angela Maria Freire de Lima e Souza e Alinne de Lima Bonetti. (Org.). **Gênero, mulheres e feminismo** - Coleção Bahianas 14. Salvador: Edufba, 2011, v. 14, p. 41-56.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Aborto e Saúde Pública no Brasil: 20 anos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. FAE: Rio de Janeiro, 1984.
- BUTLER, Judith. **Excitable Speech: a Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.
- CARTA MAIOR. **Os perigos do estatuto do nascituro**. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/Os-perigos-do-Estatuto-do-Nascituro/42/2805>. Acessado 04 jun 2016.
- CFEMEA. Disponível em: <<http://www.cfemea.org.br>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril. 2013.
- CORRÊA, Mariza. **Morte em família**. São Paulo: Graal, 1983.
- CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FAVORITO, Fernanda. Eu não mereço ser estuprada. Disponível em: <<http://fernandafav.jusbrasil.com.br/noticias/114912428/movimento->
- FERRIGATTO, Nayara Teodoro. **Os efeitos do turismo estrangeiro na praia de ponta negra em Natal, RN**: prostituição, drogas e exploração. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo)– UNESP ROSANA, SP 2008.
- FRIDAY, Nancy. **Mulheres por cima**: as fantasias sexuais das mulheres no pós-feminismo. Recorde: Rio de Janeiro, 1991.
- GALVÃO, Fabiana Damasceno. **Direito de morte e poder sobre a vida**: uma narrativa sobre o atendimento ao aborto na Maternidade Escola Januário Cicco Natal, RN. Natal: UFRN, 2010.
- GARCIA, Carla Cristina. **Os novos feminismos e os desafios para o século 21**. 2015. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/03/os-novos-feminismos-e-os-desafios-para-o-seculo-21>. Acessado em: 18 jun 2016.
- GARCIA, Carla, 2015. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/03/os-novos-feminismos-e-os-desafios-para-o-seculo-21> Acesso em: 23 de junho de 2016.
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Soc. Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, Aug. 2014.
- GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas**: Mulheres e Relações Violentas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- GROSSI, Miriam Pillar. Vítimas ou Cúmplices? Dos diferentes caminhos da produção acadêmica sobre violência contra a mulher no Brasil. Caxambú. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15 a 18 de outubro de 1991.
- GROSSI, Miriam Pillar; BRAZÃO, Analba (Orgs.). **Histórias para Contar**: Retrato da Violência Física e Sexual contra o Sexo Feminino da Cidade de Natal. Natal, Casa Renascer, Florianópolis, NIGS, 2000.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Florianópolis, Antropologia Primeira Mão, UFSC. PPGAS, 1998.
- GROSSI, Miriam Pillar. Novas/Velhas Violências contra as Mulheres no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, ano 2, 2. semestre, 1994, pp. 473
- GROSSI, Miriam Pillar; MINELLA Luzinete Simões; PORTO, Rozeli (Orgs.). **Depoimentos**: Trinta Anos de Pesquisas Feministas Brasileiras Sobre Violência. Florianópolis; Editora Mulheres, 2006. p. 382.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: Emblemas Indígenas no Nordeste do Brasil. **Cienc. Cult.** v. 60 n. 4 São Paulo, Oct. 2008.
- HEYEVENT. **Primeira reunião para construir a marcha das vadias**. Disponível em: <<http://heyevent.com/event/fv71-gjzp6kpiqa/primeira-reuniao-para-construir-a-marcha-das-vadias-2014-natalrn>>. Acessado em 04 de jun 2016.
- HOTIMSKY, Sonia. O impacto da criminalização do aborto na formação médica em obstetria. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira, FUNCK, Susana Bornéo (Orgs.). **Políticas e fronteiras**. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. (IPEA). **Indicadores de Percepção Social (SIPS)**. Brasília: Secretária de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2014.
- KAAS, Hailey. **O que é Transfeminismo?** Uma Breve Introdução. 2. Versão, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.
- MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. Dossiê Antropologia, Gênero e Sexualidade no Brasil: Balanço e Perspectivas. **Cadernos Pagu** (42), janeiro-junho de 2014:13-46.
- MACHADO, Lia Zanotta. Matar e Morrer no feminino e no masculino, In: LIMA, Oliveira; GERALDES (Orgs.). **A primavera já partiu**. Homicídios femininos, Petrópolis, Vozes, 1998.
- MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, Estupro e Purificação. **Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal**. Brasília (Paralelo 15): Editora Universidade de Brasília, 1999.
- MARCHA DAS VADIAS NATAL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasnatalrn/>> Acessado em: 23 jul 2011.
- MARCHA DAS VADIAS NATAL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasnatalrn/>> Acessado em março e nov de 2012.

- MARCHA DAS VADIAS NATAL. Disponível em <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasnatalrn/>> Acessado em jun de 2013.
- MARCHA DAS VADIAS NATAL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasnatalrn/>> Acessado em jun de 2014.
- MARCHADASVADIASDF. **Manifesto**: Por que marchamos. Disponível em: <<https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-porque-marchamos>>. Acessado em 12 jun 2016.
- MARCHADASVADIASDF. **Marcha das Vadias pelo mundo**. Disponível em: < <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/so-bre/>>. Acessado em: 12 abr. 2014.
- MARTINI, Júlia Lewgoy; PUHL, Paula Regina. *Marcha das Vadias: Um Movimento Social na era da comunicação digital em rede*. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital, integrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10, 2015.
- MORELLI, Liana Machado. A contribuição do discurso jurídico na formação dos papéis de gênero na Primeira República. **Revista Gênero e Direito** (1) 2014.
- MOTTA, Flavia de Mattos. A morte e a janela: a idéia de morte em representações contemporâneas de estupro. In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK Susana (Orgs.). **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006a. p. 363.
- MOTTA, Flavia de Mattos. Raça, gênero, classe e estupro: exclusões e violências nas relações entre nativos e turistas em Florianópolis. **Phisys Revista de Saúde Coletiva** 16(1): 29-44, 2006b.
- NOVO MICHAELIS, **Dicionário Ilustrado**. v. I Inglês- Português. Dirigido por Fritz Pietschike. 18. ed. Edições Melhores Momentos: São Paulo, 1975.
- ORTNER, Sherry. Está a mulher para a natureza, assim como o homem para a cultura? In: Rosaldo, MICHELE Z.; LAMPHERE, L. **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PASSE LIVRE NATAL. **Movimento Passe Livre de Natal**. Disponível em: <<http://passelivre Natal.blogspot.com.es/2014/06/nota-de-apoio-marcha-das-vadias-2106.html>>. Acessado em: 03 jun 2016.
- PERES, Andréa Carolina Schwartz. Campos de estupro: as mulheres e a guerra na Bósnia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37, p. 117-162, Dec. 2011.
- PINTO, Celi R. J. **Uma história do feminismo no Brasil** (Coleção História do Povo Brasileiro). São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.
- PISCITELLI, Adriana. Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; Carrara Sergio. **Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras**, RJ, Ed. Garamond, 2004.
- PORTO, Rozeli Maria. **Gravidez e relações violentas: representações da violência doméstica no município de Lages, SC**. Natal: EdUFRN, 2014.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira; MUZART, Zahidé Lupinacci. Militância e academia em publicações feministas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 573-578, Aug. 2013.
- SAFFIOTI, Heleieith. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieith. Violência de Gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**, número especial, Rio de Janeiro: CIEC-ECO-UFRJ. 1994.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 15, n. 2, jul/dez. 1990.
- SERPA, Oswaldo Pereira. **Dicionário Escolar Inglês – Português**. FAE: Rio de Janeiro. 1995.
- SOMOS COMUNICAÇÃO, SAÚDE E SEXUALIDADE. *Glossário LGBT*. Série Diálogos -ONG Somos - Comunicação, Saúde e Sexualidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/SomosBR?ref=hl>. Acessado em: 17 jun 2016.
- SOUSA FILHO, Alípio. Amantes de Clio. **A Marcha das Vadias: subversão pós-moderna**. Disponível em: <http://amantesdeclio.blogspot.com.br/2011/07/marcha-das-vadias-subversao-pos-moderna.html>. Acessado em: 18 Set de 2011.
- SUBSTANTIVO PLURAL. **Marcha das Vadias em Natal**. Disponível em: <<https://www.substantivoplural.com.br/marcha-das-vadias-em-natal>>. Acessado em: 12 jun 2016.
- TRIBUNA DO NORTE. **Marcha das vadias reúne mulheres em Ponta Negra**. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/marcha-das-vadias-reune-mulheres-em-ponta-negra/214579>>. Acessada em: 23 maio 2016.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. Cidadania e Antropologia: perplexidades de um agente social híbrido. **Ensaio de Antropologia e Cidadania**, 2004.
- VIGARELLO, Georges. **História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**. Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. FLACSO, 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: Homicídio de Mulheres no Brasil. FLACSO, 2015.

Recebido em 10 de junho de 2016.

Aceito em 11 de julho de 2016.

